

Senhora dos Afogados (1947)

Nelson Rodrigues (1912-1980)

Introdução e resumo por Helder da Rocha (www.helderdarocha.com.br)

INCOMPLETO!

Introdução

Senhora dos Afogados é a quinta peça de Nelson Rodrigues. Foi escrita numa fase em que o autor buscava abordar nas suas peças temas míticos, como ocorreu com as que a precederam: *Anjo Negro* e *Álbum de Família*, e também *Dorotéia*, que a sucedeu. Escrita em 1947, foi censurada e interdita pela justiça e só liberada em 1953. Após a liberação chegou a ser ensaiada pelo TBC, sob a direção de Ziembinski, mas foi rejeitada após duas semanas de ensaios. Em 1954 foi montada no Teatro Municipal sob a direção de Bibi Ferreira com Nathália Timberg e Sônia Oiticica nos papéis principais.

A primeira apresentação foi marcada por vaias e aplausos. Ao final da peça, parte do teatro gritava “Gênio!” e outra parte “Tarado!”, até que Nelson subiu ao palco e complicou mais as coisas gritando “Burros! Burros!” Ao final da confusão, Nelson confessou a Nathália Timberg sua insatisfação: “A estrela está no céu. Quem não vê, não vê. Mas ela brilha do mesmo jeito.”¹ As outras apresentações ocorreram tranquilamente.

Nelson era um grande admirador de Eugene O'Neill, e ele revelou ao crítico Sábado Magaldi que buscara inspiração em uma das peças do dramaturgo norte-americano. Magaldi relata o fato em seu prefácio às obras completas de Nelson Rodrigues:

Não me lembro em que circunstância, reli há muitos anos *Senhora dos Afogados* e, de repente, saltou para mim o seu vínculo com *Mourning becomes Electra*², a bela trilogia de Eugene O'Neill. Encontrei-me logo depois com Nelson Rodrigues e quis saber por que ele não revelara ter feito uma paráfrase da obra norte-americana. Nelson achou muita graça e disse do seu espanto ao passar despercebida a semelhança, quando das primeiras leituras dos amigos na estréia do espetáculo (...). Observar tão proposital evidência, segundo o dramaturgo, era tarefa do crítico e não dele.³

Apesar de haver semelhanças, a *Senhora dos Afogados* não é baseada em *Mourning Becomes Electra* da forma como esta última se baseia na *Oréstia*. Eugene O'Neill deliberadamente procurou manter um paralelo entre personagens e eventos da tragédia grega. Estruturou sua obra mantendo a estrutura de uma trilogia com objetivos e desfechos comparáveis à obra de Ésquilo.

Resumo da peça

Primeiro ato

Primeiro quadro

O cenário superpõe dois ambientes: a casa dos Drummond e o café de cais. Na casa, em pé, estão a mãe (D. Eduarda) e a filha (Moema); ambas de luto e pálidas. As duas são semelhantes no movimento de mãos. A avó de Moema, doida, anda de um lado para outro sem parar. Os vizinhos também estão em cena. São figuras espectrais.

1Ruy Castro. *O Anjo Pornográfico*, Companhia das Letras, São Paulo, 1992. p. 254

2Não existe uma única tradução. Pode ser *Electra fica bem de luto*, *O luto assenta a Electra*, *Electra enlutada*, etc.

3Sábado Magaldi. *Teatro da Obsessão: Nelson Rodrigues*, Global Editora, São Paulo, 2004. p. 68

A obsessão da sombra e da luz é criada por um farol remoto.

D. Eduarda fala com os vizinhos, mas na verdade fala como se tivesse sozinha, poucas vezes dando atenção ao que um vizinho responde. Ela lamenta a morte de Clarinha. De vez em quando, a avó interfere, geralmente para contradizer ou insistir em alguma observação pouco relevante feita por D. Eduarda. Através dos diálogos e da interferência da avó, ficamos sabendo que o mar já levava duas filhas da família Drummond: Dora e Clarinha. Diz a avó, sobre o mar, no seu delírio:

— Não gosta de nós. Quer levar toda a família, principalmente as mulheres. Foi o mar que chamou Clarinha, chamou, chamou... Tirem esse mar daí, depressa! Tirem antes que seja tarde! Antes que ele acabe com todas as mulheres da família!

Os diálogos também revelam como D. Eduarda é hostilizada pela avó e odiada por Moema. Ela não é uma Drummond. É estrangeira. A avó não confia nela. Acha que ela quer envenená-la. Insinua que Clarinha se suicidou. Moema explica que o que aconteceu com a irmã foi um acidente: estava olhando o mar e caiu.

Todas estão esperando o pai, principalmente Moema. O pai já foi juiz, mas agora é ministro. Ele está num banquete em desagravo a um crime do qual é acusado injustamente. Ele ainda não sabe da morte da filha. Sua nomeação só ocorrerá depois do banquete. É um vizinho que detalha a calúnia da qual é vítima: ele é acusado por inimigos anônimos que apontam ele – o Dr. Misael – como o matador de uma moça de má fama.

D. Eduarda lamenta que só haja mulheres para chorar a menina que morreu. Lamenta que ao menos o noivo de Moema poderia estar presente. Ela demonstra saber mais sobre o noivo de Moema que a filha. Sabe que ele foi oficial da Marinha, mas deixou de ser. Moema explica que a mãe do seu noivo mora numa ilha e o pai ninguém sabe onde. D. Eduarda quer que Moema desmanche o casamento com o noivo. Ela procura os vizinhos para difamá-lo.

Um vizinho tira sua máscara e coloca uma máscara hedionda para difamar o noivo de Moema, acusando-o de ser o rei das prostitutas. Moema lamenta que o noivo nunca a beijara na boca. Beijava apenas as mãos. Enquanto ela olha e move suas mãos, as mãos de D. Eduarda repetem o mesmo movimento.

Entra Paulo, irmão de Moema. Jovem e bonito com algo de infantil ou feminino nos gestos. Os vizinhos discutem e insistem que eles devem cear. D. Eduarda, Moema e Paulo sentam-se para a suposta ceia.

D. Eduarda protesta porque Paulo não estava com eles no dia em que Clarinha morreu. Ele explica que estava no mar, com o noivo de Moema, procurando o corpo de Clarinha. Pararam de procurar porque o noivo de Moema recebeu a notícia que a sua mãe estava na cidade. Moema não quer que Paulo continue a procurar a irmã: pode atrair o ódio dos afogados.

Paulo lamenta que acusem o pai de assassinato. Dizem que, há 19 anos, dia do casamento de D. Eduarda e Misael, o pai teria matado uma vagabunda do cais do porto; que sujara as mãos de sangue e as enxugou numa toalha. Ouvem-se as vozes das mulheres do cais que choram pela mulher morta há 19 anos.

A avó aparece falando de morte e assassinato. Paulo diz que teme a avó. Diz que a família tem a loucura e a morte na carne e inicia uma discussão com Moema sobre a morte. Moema sai para o jardim para esperar pelo pai.

Na ausência de Moema, D. Eduarda confessa a Paulo que tem medo de Moema. Ela diz ao filho que Moema mudou muito, e que vive insinuando que haja algo entre ela, D. Eduarda, e o noivo do Moema. O filho hesita em acreditar. Ela continua, insistindo que Moema tem um desequilíbrio mental, que começou com a morte de Dora. Ela continua:

— Ela é bem capaz de inventar coisas a meu respeito... De caluniar... Por exemplo – uma coisa bem absurda – é capaz de dizer que eu quero envenenar teu pai!

— Mãe! — reage Paulo, incrédulo.

— Ou então, que me viu nos braços de outro homem.

Ela pede a Paulo que acredite nela e não nas histórias de Moema. Pede para que ele fique do lado dela. Paulo concorda desde que a mãe jure não fazer nada que uma esposa não possa fazer. Quer que a mãe cumpra o hábito que a família Drummond mantém há mais de trezentos anos: a fidelidade.

Segundo Quadro

Misael entra em cena na companhia de Moema e depois toda a família se reúne em um grupo estático. Apenas

Misael senta-se. Toda a família permanece em pé. Estão como em pose de fotografia. Os vizinhos aparecem e lancam insultos contra a família.

Os vizinhos se afastam. A cena descongela. Moema retira as botinas dos pés de Misael. Ele lembra que era Clarinha quem fazia isto antes. D. Eduarda lembra-o que a filha morreu e tenta manter o assunto do diálogo em Clarinha. Moema pergunta sobre o banquete. Misael disse que não terminou o seu discurso pois durante o mesmo ele viu uma mulher do outro lado da mesa. Era uma mulher que havia morrido há muitos anos. Paulo interrompe:

— E se apanhasses um machado?

— Um machado? — grita Misael

— E se o cravasses, aqui, nessa mulher — continua Paulo, indicando uma parte do pescoço — onde a carne é tão macia?

— Por que aí? Por que escolheste este lugar?

— O sangue ia correr...

Misael cai do seu trono, atordoado. Mas ele continua falando sobre a mulher. Quando ela apareceu no banquete, explica, trouxe consigo um cheiro de mar. Ela veio de alguma praia. Misael pergunta a Moema sobre o noivo dela. Pergunta por que ele sempre o olha de modo estranho. É da mesma forma como olharam para ele no banquete. Moema informa-o que a mãe dele, sua futura sogra, chegara da ilha. Misael e D. Eduarda começam a subir para o quarto.

À sós com Moema, Paulo insiste que é preciso descobrir o corpo de Clarinha. Moema tenta dissuadi-lo.

A avó e Moema conversam. Moema rejubila-se por ser agora filha única. Só ela existe. Mas a avó lembra que ela não é a única mulher. Há ainda ela, que é velha e doida, e Eduarda, a mãe de Moema.

Cena no quarto de D. Eduarda e Misael. Ouvem-se do quarto onde estão D. Eduarda e Moema as vozes distantes. Moema sobe com a avó para espionar os pais.

As vozes começam a ficar mais nítidas. Aparecem mulheres magras e violentamente pintadas. Uma delas leva uma flor “lamentável” nos cabelos. Cantam a ladainha das mulheres do cais.

Misael exalta-se com os gemidos. D. Eduarda explica que as mulheres choram por aquela que morreu há 19 anos, cujo assassino matou-a com um machado, na altura do pescoço. Era uma mulher da vida e foi no dia do casamento de D. Eduarda e Misael. Nunca descobriram o assassino.

Misael pergunta por que D. Eduarda o olha da mesma forma que o noivo de Moema e a mulher do banquete. Todos o acusam de ser o assassino da mulher. Misael diz que o acusam porque poucos dias antes o viram com a mulher, que ele atendeu como advogado. Ele pergunta a D. Eduarda se ela acha que é o assassino. Ela não responde.

D. Eduarda afasta-se para pegar um copo e trazê-lo para o marido. Moema pergunta à avó o que ela quer? Moema lembra-se que os loucos também comem e desce para atendê-la.

Misael recebe o copo de D. Eduarda. Ela diz que é remédio do coração. Ele faz menção de beber mas antes que ele o faça, Moema grita, sem olhar na direção do quarto:

— Não, pai, não! Não aceite nada... Não receba nada das mãos de minha mãe... A morte pode estar nessa água inocente.

Misael não bebe. Especula que a esposa poderia envenená-lo. Lembra que a mãe dele também não aceita nada dela. Ele pergunta:

— Te lembras da nossa primeira noite? — e pausa o copo.

— Não — nem quero.

— Sabes por que fosse minha? — fala, reverenciando o copo — Por causa da família... Eu queria de ti filhos... Só podia querer filhos... Prazer, não, nenhum prazer...

— Nunca me tiveste amor! — protesta D. Eduarda.

— Não podia... Um Drummond não pode amar nem a própria esposa. Desejá-la? não! Ter filhos! Se Deus nos abençoa é por isso, porque somos sóbrios... Nossa mesa é sóbria e triste... A cama é triste para os Drummond...

Ela insinua que ele tem amantes. Ele nega. Diz que desde que casou não vê outra mulher. Apenas uma morta se interpõe entre os dois:

— Eu não vejo o teu rosto, mas o rosto da morta, sempre! Ela não deixa que eu cobice nenhuma mulher. Há

quanto tempo eu não te procuro?

— Tenho sonhado com um homem — responde D. Eduarda — Um homem que está sempre enxugando a mão ensangüentada em muitas toalhas.

— E o rosto desse homem?

— Não tem rosto. Só tem as mãos.

Misael contempla o copo mais uma vez e decide beber. — “Se morrer, dirás que foi o coração”, diz a D. Eduarda. Mas, de repente, agarra D. Eduarda violentamente e ordena que ela beba. Ela bebe e deixa cair o copo. Misael espera, mas D. Eduarda não morre. Deslumbra-se:

— Não morreste. Estás viva... E não aconteceu nada... És tão bonita... E teu corpo, que eu não vi nunca, deve ser muito claro. — depois, olha o rosto da mulher e exaspera-se — Mas não! Este rosto não é o teu! É o da morta. E se eu rasgasse o teu vestido apareceria o seio dela e não o teu.

Segundo Ato

Primeiro Quadro

Os vizinhos cochicham entre si. Entra o Noivo de Moema chamando por ela. Ele explica aos vizinhos que ele fora de barco com Paulo procurar o corpo de Clarinha. Diz também que sua mãe havia chegado da ilha. Elogia a sua mãe, descreve a sua beleza e fala dos homens que morreram por sua beleza. Depois fala do pai:

— Este era pior do que os outros... Não podia ver o pescoço de minha mãe, claro, branquíssimo, e de uma carne delicada, uma pele macia de menina. Ele dizia que uma navalha naquele lugar, aqui — indicando o próprio pescoço — um corte de navalha... Mas se ele matasse minha mãe... se ele cortasse essa veia, e outras veias, com uma navalha ou com um machado... Também podia ser machado, juro! E Deus é testemunha, eu daria... eu daria um golpe, no mesmo lugar, porém um golpe mais profundo, bem mais profundo, no meu pai.

Moema aparece, e protesta:

— Não se faz isto num pai.

O Noivo fala de sua mãe para Moema. Moema diz que quer conhecer o sogro, mas o noivo não quer sequer pensar nele. Fala da ilha onde está a mãe. Moema reage com desespero:

— Tens tanto orgulho dessa ilha! Falas tanto nela! Nas suas dalias selvagens, nas suas praias de silêncio... Dizes que as luas maiores a procuram... Que as estrelas se refugiam nela como barcos...

É impossível que não compreendas! Se soubesses como essa ilha é linda... — enquanto fala, esboça uma carícia — Ah se tu visses os ventos ajoelhados diante da ilha!... Como é doce o seu ventre... Queria tanto que tu a conhecesses. Mas não podes ir lá, não te deixariam entrar...

— Por que?

— Mulheres como tu não entrariam. Para lá, vão as prostitutas, depois de mortas... as vagabundas...

— Odeio a tua ilha!

— Não!

— O mar em torno às vezes é louro...

— Mentira!

— ... outras vezes verde, azul. As mulheres pisam nas espumas... E quando têm nos pés sandálias de frescor!

Moema grita possessa:

— Tu forjas esses mares e essas ilhas e depois acreditas neles. Não acredito nas águas que inventas, nas luas, nas estrelas que naufragam...

— Juro que é verdade! Mas duvidas...

— Sempre duvidei.

O Noivo então fala do pai. Diz que a sua mãe veio da ilha visitar o pai. Deixar-se ver por ele. Ele estará velho, mas ela não. Lamenta que a mãe tenha vindo ver o pai e não a ele.

Aparece o coro de mulheres, orando pelas mulheres. Moema acredita que oram por Clarinha. Protesta quando falam “mulheres da vida” e “pecadora”. Irrita-se com o noivo quando insistem em pedir pela meretriz. Pede ao noivo que reze não pela mulher que morreu, mas que reze pela sua irmã que se afogou. Mas o noivo a ignora. Desobedece. Ela fica possessa:

— Essa não é Clarinha... É a mulher que mataram há 19 anos... Acusam meu pai, dizem que foi ele quem matou, mas é mentira... Meu pai não mataria uma vagabunda do cais... E com um machado... Não, não, não...

Cena no quarto onde estão D. Eduarda e Misael. Esta o informa que o Noivo chegara. Ela sente que ele está na casa. Misael não entende. Segurando-a pelos ombros pergunta:

— E o que importa que ele esteja ou deixe de estar? E por que falaste aqui dentro do quarto? Dentro do quarto nenhuma mulher deve pensar noutro homem que não seja o marido... Nunca mais fale nesse vagabundo de cais. Ele é o deus das mulheres da vida.

D. Eduarda continua. Fala que ele tem o corpo todo tatuado. Insiste com Misael que ele deve impedir que ele case-se com Moema. Ela fala que, quando ele chega, ela sente o cheiro de mar nos seus cabelos.

Ouvem-se passos. São os passos do Noivo. Misael protesta:

— Não quero que nenhum homem se aproxime do nosso quarto, do lugar onde você tira a roupa, fica nua...

O noivo entra no quarto. Explica que estava no mar procurando o corpo de Clarinha. Lá apareceu um homem, ele diz, que dissera a ele que Misael tinha visto a sua mãe.

Misael expulsa o Noivo. Rasga a sua camisa e expõe as tatuagens com os nomes de prostitutas. O nome é um só, repetido várias vezes. É o nome da mãe do noivo. Ele insiste que o Sr. Ministro foi a única pessoa que vira a sua mãe. E que ele a viu no banquete. Era ela quem o observava do outro lado da mesa, explica.

Misael manda D. Eduarda embora; para junto da filha. O noivo não deixa. Quer que ela fique. Ela obedece. Misael avança para o noivo e diz que a mulher que ele viu não pode ser a mãe dele, pois morreu há muito tempo. O noivo conserta:

— Desde que morreu, foi para a ilha, mora na ilha!

O noivo diz que sua mãe morreu há 19 anos. No dia em que o Sr. Ministro se casou. Nesse dia, mataram a sua mãe com um golpe só, no pescoço, com um machado. Depois o assassino arrastou sua mãe até a praia e a deixou lá. Ele continua, dizendo que todos dizem que foi o Sr. Ministro, mas a avó do noivo sempre disse que o Ministro era louco pela sua mãe. Ele revela que Misael foi noivo da mãe dele por muito tempo.

Misael finalmente confessa que ele matou. Explica como foi. Foi com um machado. No dia do casamento ela exigira que ele a levasse para o seu quarto. Deitou-se na cama da noiva. Lá ele a matou com um golpe no pescoço. Só a sua mãe viu o crime, e nesse dia ela enlouqueceu.

— Mas se eras meu filho — pergunta Misael — por que ficasses noivo da minha filha?

O noivo explica que ele queria fazer parte da família para que um Drummond o pertencesse. Misael protesta:

— Você não pode ser noivo da minha filha.

— Não posso ser noivo de tua filha, mas posso ser amante de tua mulher!

O noivo chama Misael de assassino e toma D. Eduarda nos braços. Os dois saem. Misael fica só. Fala para si:

— A mulher só devia trair no leito conjugal.

Segundo Quadro

Os vizinhos preparam uma câmara ardente para um defunto que ainda não morreu. Quando a câmara ardente fica pronta, entram Misael e Moema. Misael está abatido, com ar de louco.

— Quero paz... Quero que minha carne fique tranquila... E eu que pensei que minha família fosse casta...

Ele e Moema conversam. Misael se acha velho. Lamenta que a velhice tenha chegado, e que sua esposa tenha partido, levado pelo noivo de Moema. Moema pergunta por que ele não o matou. Ele diz que não poderia. Revela que é um assassino. Que foi ele quem matou a mulher há 19 anos. Moema havia ouvido tudo. Sabia que o noivo era seu irmão. Ele lamenta que ainda chorem a morte da mulher, 19 anos depois. Depois ela confessa que também é assassina, e mais ainda que o pai: duas vezes. Confessa que as mortas são... Dora, e Clarinha. Ela afogou as duas porque elas tiraram o amor e a exclusividade que ela teria do pai.

O pai inicialmente reage com descrença, depois perde o controle. Mas seu cansaço o vence e fica desolado. No final, ambos caem num delírio louco e começam a rezar e dar graças porque são ambos assassinos, e encontram um no outro refúgio para a solidão e para o medo.

Um vizinho lembra Moema que ela é filha única, mas não a única mulher. Depois aparece outro vizinho, e outro. Moema enlouquece e chama o pai. Misael segura suas mãos. Apaixona-se por suas mãos e as beija.

Delirante, comenta que suas mãos parecem as mãos da mãe:

— E se eu ficasse assim, olhando só para as tuas mãos, pensaria estar nos pés de tua mãe... Juraria que tu eras ela... Mas olho teu rosto... e vejo que és tu. Se não tivesses rosto, eu te amaria... — beijando as mãos da filha — como se fosse minha mulher.

— Pai, esquece que eu tenho rosto. — e estende as mãos para o pai. E continua: — Pai, nesta casa, sou a filha única.

— És — responde Misael.

— Mas não a única mulher.

Moema incita o pai a castigar a mãe. Tudo para que ela seja a única mulher na casa. Moema implora ao pai:

— E por que não castigas nas mãos? As mãos são mais culpadas no amor... Pecam mais... Acariciam... O seio é passivo; a boca apenas se deixa beijar... O ventre apenas se abandona... Mas as mãos não... São quentes e macias... E rápidas... E sensíveis... Correm no corpo!

— As mãos! — grita Misael, enlouquecido, e sai.

Os vizinhos já sabem quem vai morrer. Paulo aparece e conta sobre a visão que ele teve. De um grupo, liderado pelo noivo de Moema que carregavam uma mulher para o sacrifício. Moema diz que não era o noivo dela, mas o amante da mãe. Paulo não acredita. Lembra que a mãe avisara que ela tinha um desequilíbrio mental. Moema insiste. Descreve tudo o que viu, e admite que quis que assim fosse. Paulo a amaldiçoa. Moema insiste que o que diz é a verdade. Mas Paulo não acredita que a mãe, pura e casta, se entregaria a outro homem. Moema, por fim, o convence a deixar-se provar ao ver com os seus próprios olhos a infidelidade da mãe.

Terceiro Ato

Primeiro Quadro

No cais, as mulheres fazem coro. Sabiá as rege com uma garrafa de cerveja. Cantam a ladainha. O Noivo está com D. Eduarda. O vendedor de pentes chega no bordel e quer uma mulher. Mas elas dizem que não trabalham hoje. Ele se levanta irritado e insiste, depois ofende a Dona do lugar. Pouco depois, com a chegada do noivo, ficamos sabendo que a Dona, que tem um sotaque estrangeiro, é a avó do noivo. Elas não recebem porque é o dia em que a filha da Dona (mãe do noivo) morrera há 19 anos. Este dia não atendem ninguém, nem pagam aluguel dos quartos. É o dia que reservaram para rezar.

O Noivo mostra a casa para D. Eduarda. Ela está submissa e ele a humilha. Ela teme pelo filho, que o filho a veja naquele lugar. O noivo apresenta D. Eduarda a todos como sendo a mulher mais honesta do mundo; a mulher de um juiz; 300 anos de fidelidade conjugal. Inicialmente eles não acreditam que é a esposa de Misael Drummond. D. Eduarda deseja o Noivo, mas ele confessa que não a ama. O que sente é ódio. É vingança contra os Drummond. D. Eduarda não protesta. Conta que também está se vingando. Vinga-se dos Drummond, de seus costumes e tradições. O noivo pede para Sabiá contar a história de sua mãe.

Sabiá fala que ela amava o Dr. Misael, e que, por insistir em experimentar a cama antes da noiva, foi degolada.

— A prostituta deita-se na cama da noiva, e agora a noiva deita-se na cama da prostituta.

D. Eduarda sabe que vai morrer e pede ao noivo que a ensine o caminho da ilha. Mas ele explica que ela nunca conseguiria entrar lá. Só as prostitutas podem entrar.

Moema e Paulo chegam e escondem-se. Misael também aparece. Os outros não percebem a sua presença. Diante das provas, Paulo finalmente acredita no que vê. Ele quer matar o noivo imediatamente. Moema protesta: ele havia jurado matá-la depois. Ficam, então, a observar. O Noivo leva D. Eduarda para o quarto e ela decide entregar-se para ele, mas, antes que qualquer coisa aconteça, surge Paulo e apunhala o noivo pelas costas. Ela desespera-se. Vê Moema, e grita:

— Deus fez a tua vontade. Traí meu marido. Desce e vem chamar tua mãe de prostituta.

— Prostituta — grita Moema.

D. Eduarda chora sobre o corpo do amante.

Segundo quadro

Um dia se passou. Acaba de sair o caixão de D. Eduarda. Os vizinhos “leem” as mensagens fúnebres deixadas nas

coroas de flores.

No enterro, Misael, Paulo e Moema se despedem da mãe morta. Moema está finalmente de branco, em homenagem à morte da mãe. Paulo está enlouquecido. Chora porque sabe que a mãe o odeia. Revela que deveria ter matado o marido em vez do noivo.

— Tão culpado o marido quando o amante; os dois a possuíram.

Moema protesta:

— O pai não.

— Ele sim! Minha mãe estaria livre... E viva... Nossa mãe viva...

Paulo está inconsolável:

— Moema, eu não posso viver sabendo que o Pai matou minha mãe, amputando as duas mãos de minha mãe...

— Eu não matei — discorda Misael.

— Matou! — insiste Paulo.

— Não! Não! — protesta Misael — Cortei as mãos, mas a deixei viva na praia, estendendo os braços sem as mãos... Não sou o assassino de tua mão... Morreram as mãos... Ela continuou viva...

Misael quer que o vendedor de pentes convença seu filho de que ele não matou a esposa. Só matou as mãos. Ele explica a Paulo como aconteceu.

— Depois de cair, estirada na praia, ela voltou e me abraçou — conta o vendedor de pentes. — Ela queria ver se podia acariciar um homem. Ela morreu de saudades das próprias mãos.

Paulo pergunta ao vendedor de pentes se a sua mãe foi para a ilha. O vendedor nega:

— Lá na ilha as mulheres se acariciam entre si... E sem mãos! A senhora sua mãe não pode acariciar ninguém... Viverá sua eternidade sozinha, estendendo os braços e pedindo pelas suas mãos...

Paulo desespera-se:

— Não posso viver mais. Não posso viver, sabendo que minha mãe, a mulher que me gerou, vai sofrer para sempre... Moema, tu que me fizeste matar meu noivo... diz agora que o mar me chama!

— Queres o mar? — responde Moema.

— Diz que o mar está me chamando e eu acreditarei.

— O mar te chama.

Paulo beija as mãos da irmã, levanta-se e foge para o mar.

O vendedor de pentes repreende Moema por ter entregue o irmão ao mar. Ela será amaldiçoada: nunca mais verá a própria imagem.

Moema procura sua imagem no chão, e depois no espelho. A imagem que aparece não é a sua, mas a de sua mãe, sem as mãos! Moema está de branco, mas a sua mãe aparece de luto.

Misael amaldiçoa Moema. Moema diz a ele que agora, ela é realmente a única mulher. A avó morrerá de manhã porque ela esquecera de dar-lhe de comer e beber.

Moema continua a olhar-se no espelho, e D. Eduarda aos poucos vai recuando. Livre da mãe, sente-se vitoriosa. Vencera a maldição. Então corre para o encontro do pai. Ele está deitado. Ela o abraça mas logo percebe que ele está morto. Ela agora está só e grita de dor por tê-lo perdido. Termina sozinha no palco. Afasta-se do pai morto, e tenta desesperadamente fugir de suas mãos.

Fontes

[1] RODRIGUES, Nelson. *Senhora dos Afogados* (1947), em *Nelson Rodrigues: Teatro Completo, vol. 2: peças míticas*. Org. Sábato Magaldi. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981.

[2] O'NEILL, Eugene. *Mourning Becomes Electra* (1931) em *Three Plays: Desire Under the Elms, Strange Interlude, Mourning Becomes Electra*. Vintage International, New York, 1995.

[3] ÉSQUILO. *Oréstia: Agamemnon, Coéforas, Eumênides*. Tradução de Mário da Gama Cury. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003. 6a. Edição.

[4] MAGALDI, Sábato. Crítica sobre *Senhora dos Afogados* publicado em *Teatro da Obsessão: Nelson Rodrigues*. Mesma crítica publicada no prefácio do volume 2 da obra *Nelson Rodrigues: Teatro Completo*. Global Editora, São Paulo,

2004.

- [5] FRAGA, Eudinyr. *Nelson Rodrigues Expressionista*. Ateliê Editorial, São Paulo, 1998.
- [6] MARTINS, Jade Gandra. *Tudo Sobre Nelson Rodrigues*. Website sem data acessado em 18 de maio de 2004. Universidade Federal de Santa Catarina. URL: http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/
- [7] CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.